

Gênese do cristianismo: Paulo e seu discurso em Antioquia.

Maria Isabel Brito de Souza *

Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de apresentar algumas análises a respeito da atuação de Paulo na questão de Antioquia, Gl 2, 11-14. Tendo em vista que o discurso de Paulo na cidade de Antioquia marca sua postura dentro da gênese do cristianismo. Este trabalho faz parte do texto de dissertação de mestrado em andamento financiado pela FAPESP, que tem por objetivo traçar a relação entre judeus e gentios, judeus cristãos e gentios cristãos no contexto de formação do cristianismo. Compreender os fatos narrados em Gálatas 2, 11-14, é antes de qualquer coisa entender as multiplicidades de pensamentos que permeavam os primeiros cristãos de Antioquia, sem percebermos essa conjuntura multifacetada, não poderemos compreender o discurso de Paulo.

Palavras-chaves: judeu-cristão, gentio-cristão, Antioquia.

Abstract:

This paper aims to present some analysis on the role of Paul in the question of Antioch, Gal 2, 11-14. Given that the speech of Paul in the city of Antioch marks their position in the genesis of Christianity. This work is part of the text of a Master's dissertation in progress funded by FAPESP, which aims to trace the relationship between Jews and Gentiles, Christians and Jews Gentiles in the Christian training of Christianity. Understand the facts in Galatians 2, 11-14, is first and foremost understand the multiplicity of thoughts that permeated the early Christians of Antioch, without realizing this multifaceted environment, cannot understand the speech of Paul.

Keywords: jewish-christian, gentile-christian, Antioch.

Para entendermos as dinâmicas dentro da sociedade de Antioquia, temos que analisar os feitos e efeitos do discurso de Paulo em suas cartas, particularmente a carta aos Gálatas (Gl 2, 11-14) ¹. Nessa perícopes podemos observar os interesses de Paulo e do grupo do qual faz parte, pois, quando analisamos os escritos paulinos, estamos estudando os anseios de seu grupo, de sua realidade. Seus escritos são manifestações dos grupos sociais existentes em seu entorno social.

* Universidade Estadual Paulista/Assis. Mestranda. FAPESP.

¹ Gl 2, 11-14: “Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela hipocrisia. Mas quando vi que não andavam retamente segundo a verdade do evangelho, eu disse a Pedro diante de todos: se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus”.

Os documentos escritos mais antigos preservados, porém, não são materiais sobre Jesus, mas as cartas de Paulo, todas escritas na década de 50 do século I d.C. Essas cartas são a nossa fonte mais antiga e mais direta para o desenvolvimento das primeiras comunidades cristãs. Elas não são escritos ocasionais apenas, nem são redigidas para comunicar verdades religiosas. Essas cartas são instrumentos de política eclesiástica que operavam a par do veículo político e propagandístico da comunicação oral durante a ausência do apóstolo, promovendo a organização contínua e a manutenção das comunidades cristãs que haviam sido formadas por Paulo. Embora essas cartas sejam elaboradas com base em modelos judaicos e greco-romanos, sua retórica é inspirada pelas exigências de situações paulinas específicas e devem ser entendidas no contexto imediato das necessidades e problemas das comunidades que ele fundara. (KOESTER, 2005, p. 2-3).

Compreender como foi determinante na sociedade de Antioquia e para além desta, os jogos de interesses, suas intrigas, suas dinâmicas, a questão cultural, a língua grega, a *Paidéia* grega, como foram apreendidas suas formas de pensar, suas estruturas formativas, sua arte, sua literatura, sua arquitetura, tudo isso aliado a romanização, com toda sua influência, foram essenciais no processo de transformação destes grupos. As divergências entre judeus e cristãos marcam o período, compreender como esses grupos agiram para legitimar suas ideologias, como os autores do período narraram estes encontros e desencontros e como os silenciaram. Perceber as aproximações e os distanciamentos em cada grupo e em seu entorno é o ponto de partida do nosso trabalho.

Na perspectiva da história cultural, daremos destaque à teoria da circularidade do Ginzburg na análise das relações dinâmicas que permeiam os grupos em questão. A história cultural tem por objetivo principal identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler – a ideia de representação. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade em detrimento de outras e a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Parte-se do princípio que as representações sempre se colocam num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor a sua concepção de mundo social, seus próprios valores e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 16-17).

Os judaísmos, os cristianismos, os politeísmos grego nunca existiram enquanto formas culturais autônomas e independentes, como o quiseram simplificações manualísticas ou identificações ideológicas posteriores. (CHEVITARESE & CORNELLI, 2003, p. 16).

Burke² afirma que devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos à mistura quer reforcem os antigos elementos. (2008, p. 31). Portanto, analisar os grupos que compunham o cenário do qual Paulo faz parte, é antes compreender essas trocas, todo o processo de hibridismo.

Embora pegassem em primeiro lugar para seus companheiros judeus, os missionários cristãos descobriram que também atraíam os gentios. Na diáspora, os judeus já acolhiam com prazer esses simpatizantes pagãos, tendo até mesmo projeto um espaço específico para eles no novo templo de Herodes para que pudessem participar das festas judaicas. Os devotos pagãos não haviam se tornado monoteístas. Eles continuavam a adorar outros deuses e a participar dos cultos locais, e a maioria dos judeus não fazia objeção a isso, uma vez que Deus só pedira a adoração exclusiva de Israel. Mas se um gentio se convertesse ao judaísmo, devia ser circuncidado, observar a Torá e se abster da adoração de ídolos.

O fato de um número significativo de gentios terem se convertido ao grupo de Jesus, um judeu, criou um dilema: alguns acreditavam que os cristãos gentios deviam se converter ao judaísmo, adotar a Torá e enfrentar a experiência arriscada e penosa da circuncisão, mas outros pensavam que, como a ordem presente no mundo estava para acabar, a conversão tornava-se desnecessária. O debate ficou acalorado, mas finalmente decidiu-se que os gentios que acreditassem em Jesus como messias não precisavam converter ao judaísmo. Deviam simplesmente afastar-se da idolatria e seguir uma versão modificada das regras dietéticas. (ARMSTRONG, 2007, p. 62). Mas o debate, que em Jerusalém parecia resolvido, tomou corpo em Antioquia.

Compreender os fatos narrados em Gálatas 2, 11-14 é, antes de mais nada, entender as multiplicidades de posturas que envolvia os primeiros cristãos de Antioquia. Sem percebermos essa conjuntura multifacetada, não poderemos compreender o discurso de Paulo. A teoria da circularidade defendida por Ginzburg (1987), onde as tradições são invertidas, nos ajuda a entender os processos culturais vivenciados por Paulo em Antioquia, e que são determinantes para entender a obra de Paulo.

² Saber mais sobre Hibridismo em: BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.

O campo cultural adquire significado especial para esta modalidade de abordagem, pois, conforme as pesquisas têm demonstrado, este constitui, via de regra, um canal privilegiado de expressão de anseios, necessidades e aspirações e um importante veículo de coesão e de construção de identidade. Chartier³ (1991, p. 177) afirma que não há prática nem estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles.

Analisando a cidade de Antioquia durante a pregação de Paulo - anos 40 e 50 d.C., podemos observar que, como se tratava de uma cidade cosmopolita, tolerante e dinâmica, proporcionava uma boa base para a difusão do cristianismo. Segundo Flávio Josefo (GJ III, 29), Antioquia, capital da Síria, é sem contestação, quer pelo seu tamanho, quer por outras vantagens uma das três principais cidades do Império Romano. Toda a efervescência cultural, social, política e religiosa fazia de Antioquia um lugar muito propício para a difusão do cristianismo e suas transformações ao longo de suas primeiras décadas de história. Ali habitava uma numerosa população judia em meados do I século d.C.

Contrapondo-se a Pedro, Tiago e Barnabé, apesar dessa expressiva presença judaica em Antioquia, Paulo se coloca em defesa da possibilidade da conversão dos gentios diretamente ao cristianismo sem passar pelo judaísmo:

“Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela hipocrisia. Mas quando vi que não andavam retamente segundo a verdade do evangelho, eu disse a Pedro diante de todos: se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus?” (Gl 2, 11-14).

Esta perícopa não é um fato isolado, está ligada a outros acontecimentos do período, não apenas em Antioquia, como em outras cidades onde a fé cristã havia chegado. A aceitação ou não de gentios no seio das comunidades cristãs é uma questão complexa e dividiu os grupos no início do cristianismo. O problema não era sua aceitação, mas sim a exigência da circuncisão, das regras de pureza, o que dificultava sobremaneira a entrada dos gentios para as comunidades cristãs. Paulo se encontra no centro dessa discussão e defende a ideia de que é suficiente apenas a fé em Cristo para se tornar um cristão.

Paulo defendia uma teologia que permitisse uma maior interação entre judeus e gentios. Segundo ele, se a posição dos judeus cristãos se firmasse, todo seu trabalho teológico

³ Ver mais em: CHARTIER, Roger. *O mundo como representação. Estudos Avançados*, v.11, n.5, p.173-191, 1991.

de inserção dos gentios nas comunidades cristãs estaria perdido. Sendo assim, o seu interesse vai além da pregação do evangelho para todos, buscando se manter no centro dessas comunidades, numa disputa de poder com seus opositores.

A unidade não é possível sem uma percepção da diferença; a diferença certamente não pode ser apreendida sem uma percepção contrária da unidade. Assim, os historiadores da cultura realmente não têm de escolher (ou, na verdade, não podem escolher) entre as duas – entre unidade e diferença, entre significado e funcionamento, entre interpretação e desconstrução. (HUNT, 2006, p. 21).

Boyarin (apud Crossan)⁴ explica a postura paulina: “o que impulsionava Paulo era o desejo veemente da unificação humana, da eliminação das diferenças e hierarquias entre os seres humanos, e... ele considerava o evento cristão que experimentara, o veículo para essa transformação da sociedade” (p.106). Mas se isso fosse tudo que Paulo fez, se ele tivesse sido coerentemente helenístico, ainda estaríamos bocejando. Seus genes judaicos e helenísticos lutavam não por uma composição, mas por uma incoerência. Uma composição diria que a carne deve ser mantida em seu lugar inferior, mas nunca ser totalmente rejeitada. A incoerência é outra coisa, e que acontece com Paulo. Eis o que é: *ele tira da alma aquela primeira distinção de judeu e de gentio e a coloca no corpo, tira do espírito e o coloca na carne*. Leva a negação da etnia para as ruas das cidades romanas, mas não leva a negação da classe ou a negação de gênero para fora, da mesma maneira. Não diz em relação à etnia, como diz sobre a classe e o gênero, que é realmente diante de Deus, religiosa e espiritualmente, mas que deve ser mantida física e socialmente. *A contradição não é ter considerado as três espiritualmente, mas ter considerado uma delas física e espiritualmente*. Se fosse considerada espiritualmente, a distinção entre judeus e gregos significaria que, no íntimo, ambos eram iguais e que por fora nenhum era importante. Não faria diferença, então, ser judeu circuncidado ou grego incircuncidado. (CROSSAN, 2004, p.31).

Crossan afirma que em Gl 2,11-14, Paulo havia rompido com Tiago, Pedro, Barnabé e todo o resto por causa da observância mínima das regras dietéticas judaicas, para que cristãos

⁴ Crossan escreve seu livro: *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*, em diálogo com a obra de Daniel Boyarin: *Israel carnal: lendo o sexo na cultura talmúdica*. Tradução André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago, 1994. Crossan afirma que irá trabalhar dialogando com a teoria de Boyarin de que “Alguns cristãos (fossem eles de origem judaica ou gentia) podiam declarar que não havia nem grego nem judeu, nem homem nem mulher. Os judeus rabínicos não faziam fazer isso, pois as pessoas são corpos e não espíritos. Ora, os corpos têm uma forma masculina e outra feminina e, através de práticas e técnicas materiais (como a circuncisão e os tabus relacionados à comida), também são marcados como gregos e judeus”. (p.22).Crossan apud Boyarin, p.27.

judeus e cristãos gentios pudessem comer juntos em Antioquia. O autor concorda com Boyarin, dizendo que ele tem toda razão em afirmar que Paulo estabeleceu um compromisso entre seu judaísmo e seu helenismo, ao adotar não um dualismo radical (rejeição da carne pelo espírito), mas sim um dualismo platônico moderado (subordinação da carne ao espírito). (2004, p. 32).

De fato compreender o escopo social do qual Paulo faz parte nos ajuda a compreender o complexo em que vivia, onde o domínio político do Império Romano se fazia presente em todas as esferas. Segundo Crossan, Paulo procura propagar suas ideias sem entrar em choque com a dominação dos romanos, contrapondo-se à avaliação de Horsley, para quem a atitude de Paulo é anti-imperial.

Horsley argumenta que se tem dado bem pouca atenção ao contexto imperial romano da missão de Paulo e de sua relação com ele (2004, p. 11). Em seu livro *Paulo e o Império*, defende a ideia de que Paulo e toda sua postura nas primeiras comunidades hoje ditas cristãs entra, em certos momentos, em choque com o próprio império.

Compreender as manifestações produzidas no cenário do qual Paulo faz parte sem dúvida é fundamental para traçarmos seu perfil diante dos demais líderes da Igreja, analisando seus discursos e seus interesses. Chartier (2006, p. 229) afirma que compreender as séries de discursos em sua descontinuidade, despojar os princípios de sua regularidade e identificar o que neles há de especificamente racional são atos que pressupõem a necessidade de se levar em conta as coerções e exigências das próprias formas segundo as quais eles devem ser lidos. (HUNT, org., 2006, p. 229).

Compreender a relação judaísmo/cristianismo é principalmente colocá-los em seu ambiente de origem, mas sem deixar de considerar as transformações em seus segmentos, suas representações, suas ambições e o que os aproximava e distanciava. De um lado temos um cristianismo buscando, com Paulo e seus companheiros, uma universalidade e que não pode desprezar totalmente suas origens judaicas, tendo em vista que também havia muitos judeus a serem conquistados. De outro lado temos um judaísmo que defende ferrenhamente seus preceitos e seus valores.

Paulo defendia que os pagãos poderiam se tornar membros plenos do povo de Deus ao lado dos judeus, iguais a eles – sem necessidade alguma de circuncisão⁵ nem de outras regras de purificação. Em outras palavras, sua conversão foi uma reviravolta de 180 graus em relação ao que era antes. Poderia ter sido apenas um judeu fervoroso, deixando os judeus-cristãos de lado, ou poderia se ter convertido do judaísmo farisaico para o judaísmo cristão (como, por exemplo, Thiago e os membros da igreja de Jerusalém) ou, ainda, proclamar Jesus como o messias de seus companheiros judeus. Mas ao invés disso ele se converteu do judaísmo ao cristianismo, naturalmente, em defesa dos pagãos que outrora ele perseguia ao lado dos cristãos. (CROSSAN; REED, 2007, p.17). Os autores fazem essa suposição, de que Paulo foi chamado para o que antes ele perseguia, não apenas ao cristianismo, mas também a inclusão de membros pagãos.

Paulo não foi o único a se manifestar quanto à situação do não-judeu, antes dele temos os seguidores da casa de Hillel, que defendiam a aceitação dos gentios, necessitando para isso apenas a crença no Deus único de Israel, de outro lado, havia os da casa de Shamai que defendiam a aceitação dos não-judeus mediante a circuncisão e o cumprimento dos rituais judaicos. Essas duas correntes pertenciam ao grupo dos fariseus ao qual também pertencera Paulo. Os pesquisadores do cristianismo primitivo têm discutido sobre o fato de Paulo ser fariseu, e sobre o que ele buscou neste grupo.

Para compreendermos como foi recepcionada a postura de Paulo diante da Lei pelos judeus judaizantes, devemos refletir sobre o significado da Torá para esses judeus, mesmo que, como veremos adiante, não possamos pensar os judeus como um grupo homogêneo. Para os judeus o texto da Torá, ou seja, da Lei, não contém apenas uma doutrina, mas um verdadeiro modo de vida, estando ali registrada a aliança de Deus com os judeus. O termo *Torá*⁶ significa orientação e instrução, é principalmente chamada de os cinco livros de Moisés ou Pentateuco; também a todo corpo religioso-ético da literatura judaica. Na verdade Torá compreende todos os campos do judaísmo, cultura, ética, justiça, religião, educação. Não podemos analisar o contexto do período sem levarmos em consideração a visão de mundo

⁵ Circuncisão seria o rito simbólico de continuidade feito no menino judeu aos 8 anos. Consiste na extirpação do prepúcio através de uma cirurgia simples e de uma breve cerimônia. Associado à Aliança de Abraão com Deus (Gênesis cap.17), simboliza um ritual de ingresso na religião judaica. Comum em várias sociedades tanto antigas quanto modernas.

⁶ Ver mais em BIRNBAUM, Philip. Encyclopedia of jewish concepts. New York: Hebrew Publishing Company, 1995, p. 630-632.

desses homens que seguiam a lei de Moisés, e perceber que não há um estudo desligado das narrativas da Bíblia judaica.

Sem dúvida compreender os mecanismos de defesa judaicos de que Paulo também faz uso, ou seja, a leitura e interpretação da Torá, é fundamental para analisarmos a conjuntura social que estamos estudando, entendendo-a como conjunto das tradições judaicas, que faz parte da realidade desses grupos. Além de percebermos suas variações de interpretações, também temos que observar sua forma escrita e oral⁷. Deve-se destacar que a Torá Oral não é aceita por todos os grupos de judeus, os saduceus, por exemplo, não aceitam sua legitimidade.

Todas as discussões em torno da aceitação ou não das regras de dietas judaicas por parte dos pagãos fez com que Paulo se separasse dos líderes da Igreja. Tiago presumiu que os pagãos não seguiriam as regras dietéticas e ordenou que houvesse a separação, pois, o judaísmo devia prevalecer sobre o paganismo. Essa atitude acirrou a disputa entre Paulo e Tiago, representando o grupo dos cristãos judeus que valorizava a continuidade dos preceitos judaicos. Essa conjuntura conflituosa marca a saída de Paulo de Antioquia.

Analisar a atuação de Tiago dentro do cristianismo de meados do I século d.C., é muito importante para compreender a postura de Paulo, entrando em conflito com ele em Antioquia. Há, portanto, um paralelo entre a visão de Tiago que defende uma maior aproximação entre os seguidores de Jesus e os ensinamentos judaicos, e a de Paulo que defende um maior distanciamento das regras judaicas, não aceitando-as como pré-requisito para entrada no cristianismo.

Segundo Crossan, Paulo ao sair de Antioquia teria ido para o oeste e nunca mais voltou. Tiago era o líder da Igreja-mãe de Jerusalém, que administrava duas missões importantes, uma para os judeus e uma para os pagãos. Era um judeu-cristão que acreditava que Jesus era o Messias, mas também seguia a Lei judaica completa. Isso explica negativamente por que, ao contrário de Estevão no início dos anos 30, ou de Tiago filho de Zebedeu, no início dos 40, Tiago só foi atacado, perseguido e executado no início dos anos 60. Não explica por completo, positivamente por que, após sua execução, foi tão veementemente defendido por judeus não-cristãos. Ele era, sem dúvida, importante para os

⁷ Torá Oral (em hebraico “Torá she-beal-pé”) as tradições orais do judaísmo que foram recebidas por Moisés durante os quarenta dias e noites que passou no Monte Sinai, e por ele transmitida aos sábios e aos profetas. Os princípios gerais do desenvolvimento do Torá Oral, inclusive as perguntas e comentários de alunos inteligentes nos tempos futuros também foram revelados a Moisés. In: UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de lendas e tradições: 222 ilustrações*. Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 264.

judeu-cristãos. Mas por que era importante para judeus *não- cristãos*? Ele observava a Lei? Sim, naturalmente, mas isso ele *devia* fazer, com todos os outros judeus. (CROSSAN, 2004, p. 503).

Desta forma Tiago agia de modo a defender os interesses judaicos frente aos pagãos, sendo assim, ele conquista, de certa forma, a não hostilidade por parte dos judeus, se preservando na medida do possível, até sua execução. Mesmo tendo aceitado Jesus como Messias, ele não abre mão dos costumes judaicos. Ao passo que, Paulo defende os gentios e abre mãos de alguns costumes, ainda que, em certas passagens de sua obra apresentam-se certas incoerências, indicando que ele não abandona totalmente o judaísmo.

Os jogos de interesses inserem Paulo na disputa em defesa dos gentios, ele não se choca apenas com os judeus que não aceitavam o não cumprimento das regras da Torá ritual como regra básica para se tornar um cristão, mas também entra em conflitos com grupos de gentios que viam na nova fé uma ameaça a seus interesses.

Portanto, a discussão sobre a adoção ou não por parte dos gentios cristão das regras da Torá ritual, é uma polêmica que explode em Antioquia, mas que fazia parte da realidade de muitas comunidades cristãs naquele momento da pregação de Paulo, um período complexo e permeado de diversidades dentro e fora do mundo religioso, tendo em vista que as assimilações eram feitas de acordo com as trocas de culturas e seguindo interesses de ambos os lados.

Uma conjuntura política complexa, de dominação romana, e com uma forte influência da tradição helenística, esse é o cenário em que se desenvolveu o cristianismo. Podemos pensar esses agentes falando o grego, com imaginário e categorias semitas, no mundo de dominação romana, numa sociedade de fronteiras fluídas, com suas interações e visões de mundo, em busca de seus interesses, com suas disputas, num processo lento e complexo. Pois, no momento em que estamos analisando, as coisas não eram vista claramente, a dinâmica era outra, seguia seu próprio ritmo no curso de suas histórias e da História.

Referências Bibliográficas:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Publicada sob a direção da “École Biblique de Jérusalem”. Edições Paulinas: São Paulo, 1985.

JOSEPHUS, F. *Jewish Antiquities*, XII. London: William Heinemann Ltda, 1961.

_____. *The Jewish War*. Trad. H.St. J.Thackeray. Cambridge: Harvard University Press, 1990, 2v. (Loeb Classical Library).

ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

- BIRNBAUM, Philip. *Encyclopedia of jewish concepts*. New York: Hebrew Publishing Company, 1995, p. 630-632.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Tradução Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação. Estudos Avançados*, v.11, n.5, p.173-191, 1991.
- _____. *História cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1990.
- CHEVITARESE, A. L. & CORNELLI. *Judaísmo cristianismo, helenismo: ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.
- CROSSAN, J.D. *O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram á execução de Jesus*. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. & REED, Jonathan L. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Trad. Jaci Mraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.
- HORSLEY, R. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento, volume 1: história, cultura e religião do período helenístico*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Introdução ao Novo Testamento, volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.
- UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de lendas e tradições: 222 ilustrações*. Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 264.